

Prevalência e fatores associados ao uso de hormônios não receitados para mulheres transexuais em São Paulo

Maria C B Costa¹, Willi McFarland^{2,3}, Erin C Wilson^{2,3}, Hui Xie², Sean Arayasirikul^{2,3}, Ferdinando D Moura¹, Maria A S M Veras¹

1. Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo, SP Brasil
2. Centro de Pesquisa em Saúde Pública, Departamento de Saúde Pública de São Francisco, São Francisco, CA EUA
3. Departamento de Epidemiologia e Bioestatística, Universidade da Califórnia, São Francisco, São Francisco, CA EUA

Objetivo

- O objetivo deste estudo foi determinar a prevalência e fatores sócio demográficos associados ao uso de hormônios sem prescrição médica entre mulheres transexuais e travestis por meio de estatísticas descritivas

Introdução

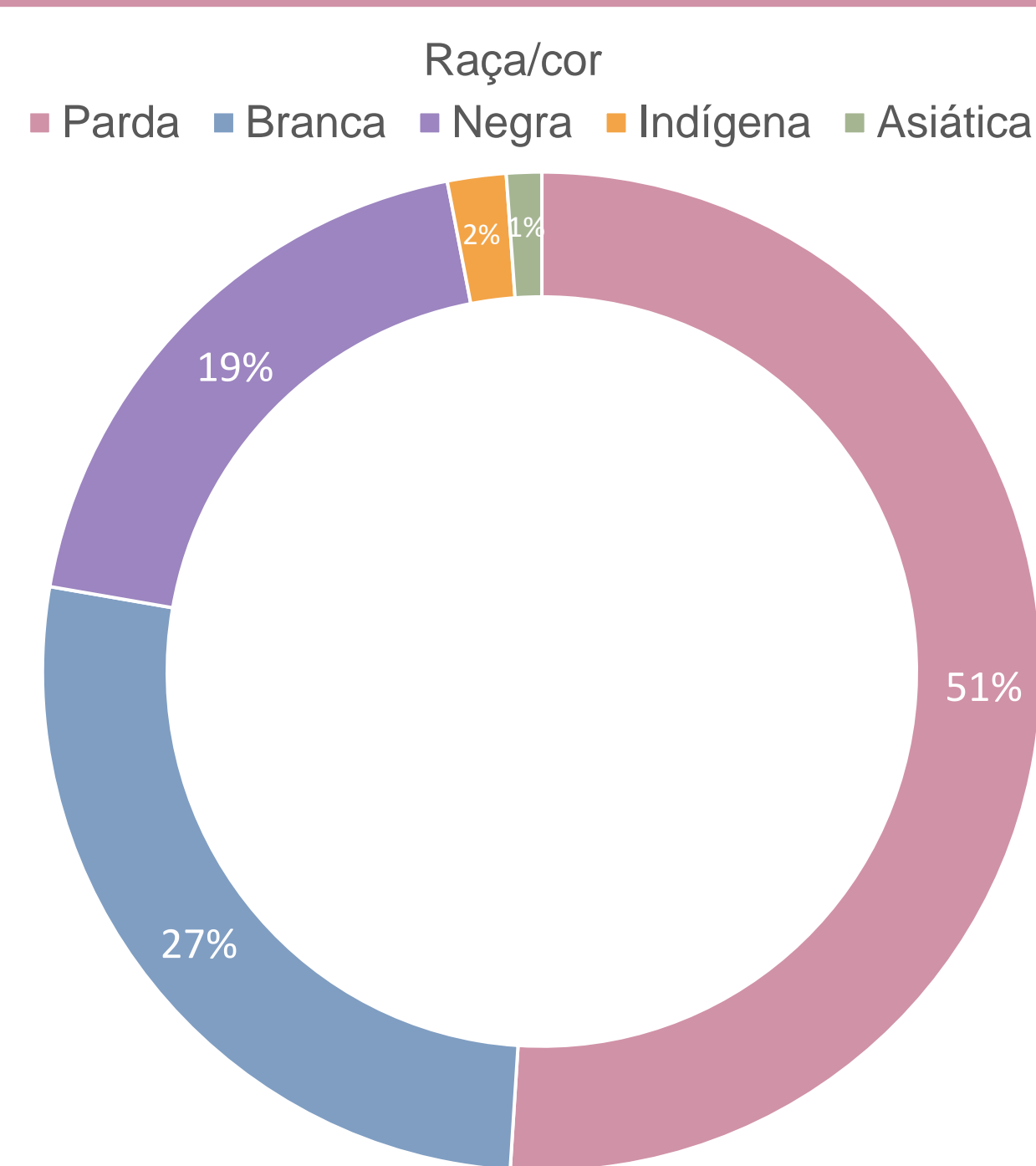
- Como parte do processo de transição e afirmação de gênero, mulheres transexuais podem fazer uso de hormônios para feminizar suas características sexuais secundárias.
- No entanto, a população de pessoas transexuais encontra diversas barreiras para ter acesso a cuidados de saúde em função da identidade de gênero. As barreiras incluem desde a falta de recursos até discriminação nos serviços de saúde.

Métodos

- Trata-se de um estudo de coorte com mulheres transexuais recrutadas através da metodologia Respondent-Driven Sampling (RDS) em 2017-2019, em São Paulo, SP
- Participantes foram questionadas sobre uma série de fatores demográficos, determinantes sociais de saúde, acesso a cuidados relacionados à transição e uso de hormônios não-prescritos
- Dados coletados foram obtidos através de estatísticas descritivas, por meio de autorrelato de participantes
- Análise estatística foi realizada através de modelos multivariáveis e bivariáveis, usando o programa STATA versão 13.0

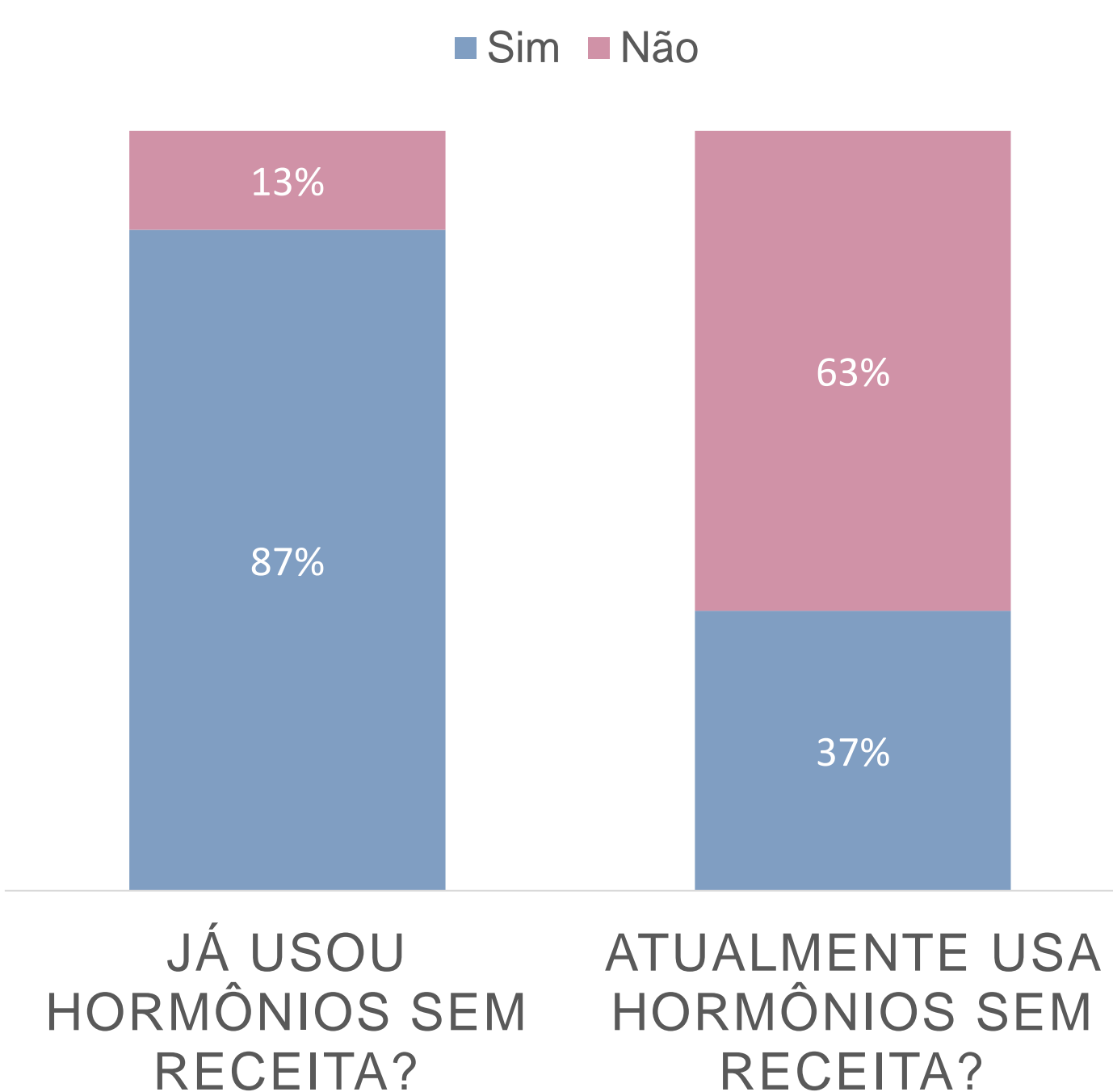
Perfil da Amostra

- A amostra era composta de mulheres trans mais jovens, com 38,4% entre 18 e 25 anos
- 52,0% das participantes identificaram-se como pardas, seguida por 26,7% como brancas e 19,3% como negras
- A amostra era composta de mulheres trans mais jovens, com 38,4% entre 18 e 25 anos
- 52,0% das participantes identificaram-se como pardas, seguida por 26,7% como brancas e 19,3% como negras
- 60,9% viviam com menos de um salário mínimo, ou R \$ 1.039, por mês
- 62,2% da amostra não havia concluído o ensino médio



Uso de Hormônios

- De 790 mulheres trans entrevistadas, mais de um terço (36,8%) fazia uso de hormônios não-receitados atualmente
- Quase todas as participantes (93,4%) já haviam usado hormônios para feminização pelo menos uma vez no passado
- A maioria (87,0%) já havia usado hormônios sem prescrição pelo menos uma vez
- A faixa etária de 13 a 18 anos foi quando a maioria das mulheres trans (57,2%) relatou o seu respectivo primeiro uso de hormônios; 10,1% relataram que o primeiro uso ocorreu entre 6-12 anos
- Aproximadamente metade dos participantes (49,4%) não estava atualmente tomando hormônios, seja por desejo próprio ou por falta de acesso



- Uso intermitente de hormônios foi relatado por 68,7% da amostra; os hormônios não-prescritos mais comumente usados foram uma combinação de estrogênio com progesterona (28,9%)
 - Tal combinação é comumente encontrada em pílulas anticoncepcionais
- Nas análises bivariáveis, o uso de hormônios não-receitados mostrou-se significativamente maior entre as mulheres trans mais jovens, com menor escolaridade, vivendo na rua ou em albergues e em cujo esquema atual de terapia hormonal é uma combinação de estrogênio com progesterona (em comparação a outros tipos de hormônio)
- Em contrapartida, o menor uso de medicação não-receitada foi associado ao maior acesso à saúde e ao atendimento de necessidades específicas à população transexual
- Na análise multivariável (modelo ajustado por identidade de gênero e raça) permaneceram significantes os seguintes fatores: idade de 18 a 25 anos, ensino médio incompleto ou inferior e utilização de combinação com estrogênio e progesterona. Mulheres trans que visitaram um profissional de saúde no último ano e aquelas que sentiram que suas necessidades atendidas pelo serviço de saúde apresentaram menor probabilidade de usar hormônios não-receitados

	Análise bivariada			Análise multivariada		
	OR	(95% IC)	valor-P	aOR	(95% IC)	valor-P
Identidade de gênero						
Mulher transexual	Ref.	-	-	-	-	-
Travesti	0.71	0.52-0.98	0.04	-	-	-
Mulher	0.47	0.29-0.75	<0.01	-	-	-
Outros	0.28	0.03-2.39	0.24	-	-	-
Idade (em anos)						
26 ou mais	Ref.	-	-	Ref.	-	-
18-25	2.04	1.52-2.78	<0.01	3.03	1.67-5.56	<0.01
Raça/cor						
Branca	Ref.	-	-	-	-	-
Demais	1.82	1.14-2.88	0.01	-	-	-
Salário						
Mais de um salário mínimo	Ref.	-	-	-	-	-
Menos de um salário min.	1.11	0.71-1.74	0.64	-	-	-
Escolaridade						
Ensino médio completo ou superior	Ref.	-	-	Ref.	-	-
Ensino médio incompleto ou inferior	3.56	2.23-5.69	<0.01	2.81	1.59-4.94	<0.01
Em situação de rua/abrigo						
Não	Ref.	-	-	Ref.	-	-
Sim	3.17	1.46-6.89	<0.01	2.72	1.18-6.53	0.01
Utilizando combinação de Estrógeno com Progesterona						
Não	Ref.	-	-	Ref.	-	-
Sim	4.74	2.95-7.62	<0.01	4.82	2.73-8.51	<0.01
Visita a profissional da saúde, últimos 12 meses						
Não	Ref.	-	-	Ref.	-	-
Sim	0.21	0.11-0.37	<0.01	0.25	0.12-0.51	<0.01
Serviço de saúde atende necessidades específicas como trans						
Não	Ref.	-	-	Ref.	-	-
Sim	0.42	0.27-0.65	<0.01	0.50	0.27-0.82	0.01
Sofreu discriminação por profissional da saúde						
Não	Ref.	-	-	-	-	-
Sim	0.54	0.34-0.84	0.01	-	-	-

OR=odds ratio; aOR= odds ratio ajustada; modelo ajustado gênero e etnia; $F_{(8, 400)} = 152.28; p < .01; R^2 = .33$

Tabela 1. Fatores relacionados ao uso de hormônios não prescritos entre mulheres trans, São Paulo, Brasil, 2017-2019 (N=790)

Acesso à Saúde

- Mais de um terço das mulheres trans (37,7%) não visitaram um profissional da saúde nos últimos 12 meses
- 40,2% já sofreram discriminação por parte de um profissional da saúde
- Mais da metade (54,1%) relatou que os cuidados de saúde atuais não atendiam às necessidades específicas como pessoa transexual

Conclusão

- Até onde sabemos, este é o maior estudo sobre o uso de hormônios não-receitados entre mulheres trans realizado no Brasil
- Há um número significativo de mulheres trans atualmente utilizando hormônios sem prescrição ou orientação médica, o que pode levar a diversas consequências ao longo de suas vidas
- Existe uma preferência por medicamentos de combinação de Estrogênio e Progesteronas
- O uso em massa de hormônios não-receitados reflete as situações difíceis vivenciadas pela maioria das mulheres trans no Brasil, como a clara falta de acesso a Saúde
- Intervenções para a transformação dos sistemas são necessárias para garantir maior igualdade na saúde das pessoas trans e para garantir que seus cuidados relacionados à transição sejam acessíveis e consistentes com objetivos de saúde a longo prazo
- Há necessidade de maior divulgação e educação em saúde sobre as consequências e alternativas ao uso de hormônios não-prescritos